

### **Eixo Temático**

#### **1. Educação do Campo e Movimentos Sociais**

### **Título**

## **EDUCAÇÃO DO CAMPO E PRÁTICAS DE CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO: A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO**

### **Palavras chave**

Movimento Sem Terra; Infância e Ciranda Infantil

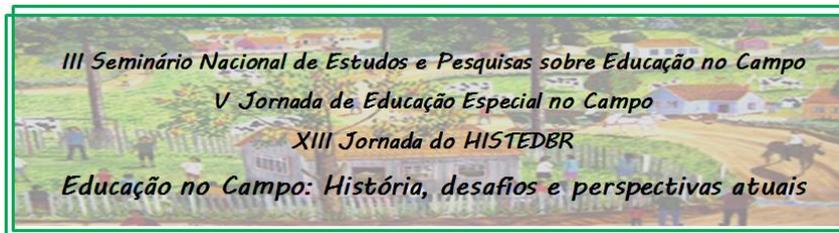
### **Resumo**

Este trabalho apresenta o resultado do estudo realizado entre 2006 e 2010 em que se analisa o processo de implantação da Escola Família Agrícola Dom Fragoso na comunidade de Santa Cruz localizada no município de Independência no estado do Ceará para compreender como o seu projeto político-pedagógico incorpora os princípios e os fundamentos da proposta de convivência com o semiárido da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) na contextualização dos seus processos e práticas educativas. Considerado inviável econômica, social e culturalmente, o Semiárido Brasileiro (SAB) apresenta potencialidades que ganham visibilidade social e política a partir de pesquisas e de experiências político-pedagógicas de organizações não-governamentais, pastorais, sindicatos dos trabalhadores rurais que integram a ASA vem se desenvolvendo ao longo dos últimos anos. Estas experiências têm o mérito e a força de demonstrar a eficácia e a potencialidade dos processos educativos que tem por base a proposta de convivência com o SAB, mas também através delas, explicitar a própria viabilidade do SAB para além da sua representação clássica de seca, miséria, chão rachado e êxodo rural.

### **Texto Completo**

Este trabalho apresenta o resultado do estudo qualitativo realizado entre 2006 e 2010 em que se analisa o processo de implantação da Escola Família Agrícola Dom Fragoso na comunidade de Santa Cruz localizada no município de Independência no estado do Ceará para compreender como o seu projeto político-pedagógico incorpora os princípios e os fundamentos da proposta de convivência com o semiárido da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) na contextualização dos seus processos e práticas educativas. Considerado inviável econômica, social e culturalmente, o Semiárido Brasileiro (SAB) apresenta potencialidades que ganham visibilidade social e

**[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



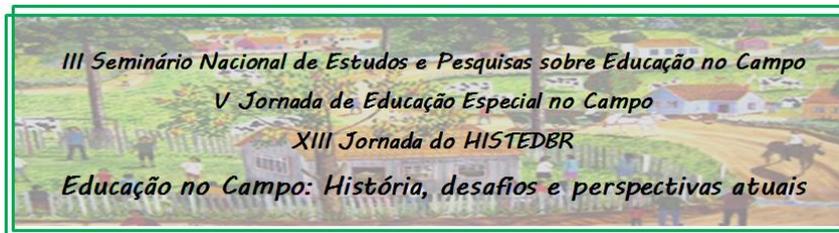
política a partir de pesquisas e de experiências político-pedagógicas de organizações não-governamentais, pastorais, sindicatos dos trabalhadores rurais que integram a ASA vem se desenvolvendo ao longo dos últimos anos. Estas experiências têm o mérito e a força de demonstrar a eficácia e a potencialidade dos processos educativos que tem por base a proposta de convivência com o SAB, mas também através delas, explicitar a própria viabilidade do SAB para além da sua representação clássica de seca, miséria, chão rachado e êxodo rural.

### **A Escola Família Agrícola Dom Fragoso**

A Escola Família Agrícola Dom Fragoso inicia suas atividades em 2002, na Comunidade de Santa Cruz com uma turma de 25 estudantes da 5ª série do Ensino Fundamental. Ela foi ampliando suas atividades e ações pedagógicas até chegar ao Ensino Fundamental e Educação profissionalizante Integrada ao Ensino Médio com Habilitação em Agropecuária em regime de Alternância a partir de 2011.

No entanto, sua história tem antecedentes longínquos cujo marco é chegada de Dom Fragoso na Diocese de Crateús nos anos 60 do século passado. A partir daí o religioso inicia um trabalho de educação de base com ênfase na luta pela terra, pelo processo de organização sindical e comunitário. Já nessa época, os/as agricultores/as familiares questionavam, qual seria a melhor forma para se trabalhar o campo. Uma vez que não queriam mais reproduzir o modelo trabalhado e adotado no período pelo Serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), cuja base era o da revolução verde. E quando encontrassem o modelo adequado de produzir, quem iria produzir? Com quem contar para produzir? Essas questões foram trazidas e debatidas por mais de uma década nas áreas de conflitos de terra até a conquista da terra. Com a conquista da terra veio à questão relativa aos filhos/as dos assentados. Estes não queriam mais viver nem produzir na terra. Continuavam indo embora para os grandes centros urbanos. Então quem vai ficar no campo? Os pais queriam outra escola e outra educação, mas não de qualquer jeito e nem a escola que já conheciam, pois tinham clareza de que ela era responsável por incentivar o êxodo rural, portanto, a saída dos/as jovens do campo. As escolas existentes tanto nas cidades sedes como nos distritos eram descontextualizadas,

**[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



desvinculadas da vida do campo e de sua cultura e valorizavam a cultura urbana. Resultando numa desvalorização da vida do campo e dos que lá viviam provocando desânimo e ausência de perspectiva de vida principalmente para os/as jovens.

Estes viviam o dilema de se instruir e abandonar a terra e o campo ou se optassem por permanecer nela ficar com um baixo nível de escolaridade. Daí a ênfase na necessidade de uma escola diferenciada que pudesse reverter o processo de expulsão dos/as jovens. Deste modo, para que além de ficarem no campo e permanecerem na terra, pudessem ter acesso a uma formação escolar em níveis mais elevados e com uma formação profissional, técnica e humanista adequada e contextualizada para o mundo rural que contribuísse para o desenvolvimento social e econômico.

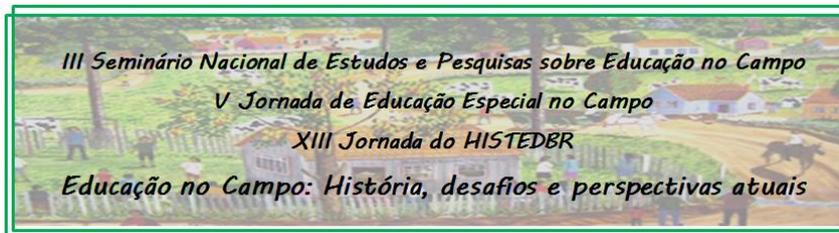
A decisão de implantação de a escola ser no município de Independência, não foi inicialmente bem aceita porque não havia acesso fácil até a área da escola; as condições da terra não eram favoráveis, uma vez que era uma terra degradada e não havia tradição de agricultura no local. A tomada de decisão de implantar a EFA em Independência numa área desafiadora, seca, semelhante o mais próximo possível das condições ambientais das propriedades da maioria dos/as agricultores/as da região e do Estado era exatamente para demonstrar que era possível e viável viver e fazer agricultura no SAB dentro dos princípios da convivência em uma área nessas condições.

Deste modo, contextualizar a convivência com o SAB, no projeto político pedagógico da EFA foi uma opção da equipe que implantou o projeto tendo como referenciais teóricos e metodológicos a Pedagogia da Alternância, as Diretrizes da Educação do Campo e a proposta de convivência da ASA e sua experiência político pedagógica.

### **Motivações para a Escola Adotar a Pedagogia da Convivência com o semiárido e os/as Estudantes e Pais a Optarem pela EFA**

O primeiro elemento apontado como motivador, pelos/as colaboradores/as, para que a escola adotasse a pedagogia da convivência com o semiárido é o fato de ela estar inserida no semiárido. O seu objetivo de promover uma formação contextualizada e integral de jovens agricultores/as camponeses/as, buscando desenvolver o protagonismo

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



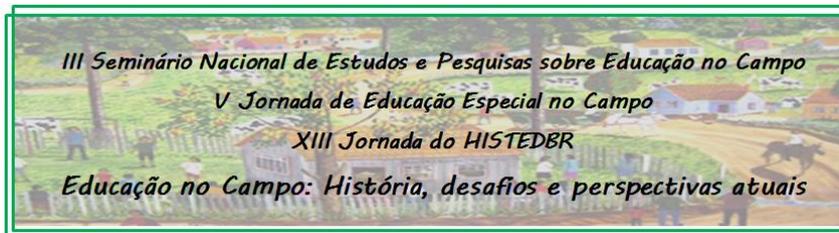
juvenil e tecnologias apropriadas para a convivência com o semiárido do Território Inhamuns/Crateús, na perspectiva do bem viver no sertão cearense já explícita, com clareza, esse recorte.

Todavia, pudemos identificar, no discurso dos/as colaboradoras, que o que desencadeou o processo foi não só a possibilidade, mas a necessidade sentida por todos/as envolvidos no projeto, de interromper o ciclo do êxodo rural, sobretudo dos/as jovens, advindo da seca na região e incentivado pela escola. É a questão do êxodo rural que aparece como principal elemento de apelo para que se pense numa escola e numa pedagogia voltada e adaptada para a realidade do campo, uma pedagogia contextualizada para o SAB, porque, na visão dos/as colaboradores/as, a forma mais adequada para interromper esse ciclo é investir na formação para a convivência com o SAB.

A escola pode ser reprodutora da visão social e de leitura de mundo predominante, ao descrever o clima do SAB como adverso, a natureza hostil e improdutiva, capaz de requintados atos de crueldade para com os mundos dos humanos, responsabilizando, assim, a natureza, ao longo de vários séculos, pelas dificuldades e pelas mazelas da sociedade que reside no semiárido. Existe um conjunto de definições em torno da ideia de natureza do SAB, que condenou, a um destino coletivo comum de pobreza, miséria e privações, a população que nela vive. A natureza condena e é condenada perpetuando, assim, um ciclo ininterrupto de degradação ambiental e pobreza. E, a escola reproduz essa mesma visão, através de suas práticas cotidianas e do seu currículo que reforça, ainda mais, essa representação do SAB apresentando-o, na maioria das vezes, como um lugar inviável e com precárias condições de vida, ressaltando os preconceitos e estereótipos em torno do ecossistema e de quem vive nele, favorecendo, deste modo, o êxodo rural.

A escola foi pensada para ser uma escola diferenciada, adequada aos seus filhos/as. E para ela falar em uma escola para os/as agricultoras no Ceará é falar numa escola voltada para o SAB e a convivência com ele, por estar o território do Estado, inserido cerca de 93%, nele. Então, se tinha vontade, a necessidade, acima de tudo, de quebrar com a questão do êxodo rural e a melhor forma é trabalhar para a convivência com o semiárido, investir nessa formação. Depois, foi se

**[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



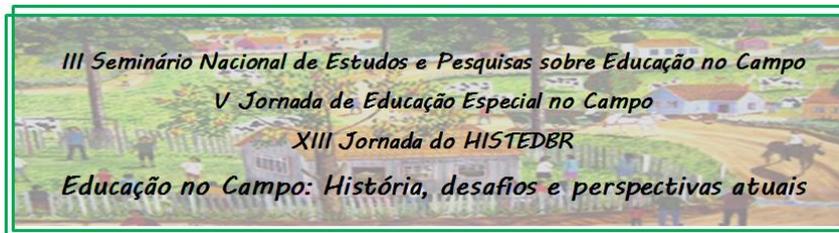
conhecendo a pedagogia da alternância. É claro que quando os/as agricultores/as diziam no Fórum dos Assentamentos que queriam uma escola diferente, uma educação diferenciada eles/as não tinham noção da pedagogia da alternância, não sabiam que existia. Mas, a partir de conhecimento de visitas a outros Estados foram conhecendo, de perto, e vendo que poderia dar certo. Então nós estamos no oitavo ano de funcionamento e percebemos que dá certo (Maria Lopes do Nascimento – Kika, monitora e coordenadora da EFA em 2009).

Contextualizar a convivência com o SAB, no projeto político pedagógico da EFA, foi uma opção da equipe que implantou o projeto tendo como referenciais teóricos e metodológicos a Pedagogia da Alternância, as Diretrizes Nacionais da Educação do Campo e a proposta de convivência da ASA e sua experiência político-pedagógica. O ponto de interseção entre estas referências ocorre porque elas têm, no contexto socioeconômico, político, cultural, geográfico, ambiental, a base do processo de ensino aprendizagem.

O projeto da escola foi idealizado há muito tempo, antes mesmo que eu pudesse imaginar vir lecionar aqui. É uma linha de trabalho idealizado por pessoas nos anos 60 do século passado que trabalhavam com pessoas do campo, camponeses e camponesas. Eles formavam essas pessoas e aceitar que fossem indo para as cidades, no processo do êxodo rural era um coisa muito sem sentido... Para evitar isso começaram a trabalhar com a nossa realidade porque muitas vezes a escola está situada no campo, mas ela não trata da realidade do campo. A escola está, na maioria das vezes, descontextualizada e uma das formas é travar essa discussão no sentido da vida do campo, mas não considerar só o campo. É um estudo global, parte da realidade e chega a contextos mais gerais (Maria Rosinira Beserra Cavalcante, monitora).

Contextualizar, segundo Figueiredo (2006), um ensino, texto, costume ou tradição, é uma tarefa complexa. Ao contextualizar, diz o autor, necessariamente, nos transportamos, nos transferimos, para costumes, culturas, tempos e lugares que configuram o ambiente, espaço ou lugar de onde falamos ou que comportam os fenômenos e eventos tratados. O mesmo autor diz, ainda, que, contextualizar o ensino pode ser traduzido por um processo de produção de um saber parceiro a partir do saber itinerante ao mundo vivido dos/as educandos/as, sendo o próprio mundo, o contexto da aprendizagem. Isso lhes permite identificar e se identificar com as questões propostas,

**[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



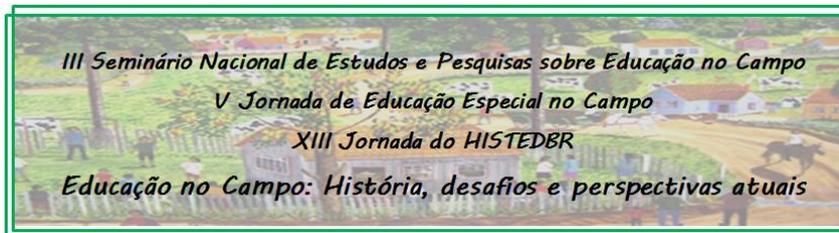
potencializando a capacidade deles de intervir na realidade de forma autônoma, desalienada e desalienante. Nessa perspectiva, o/a estudante e o seu contexto/realidade englobam a centralidade do projeto educativo. Enfim, contextualizar conteúdos é reconhecer em primeiro lugar a importância do cotidiano dos/as estudantes no processo educativo, e mostrar e demonstrar que os conhecimentos gerados nesse processo de ensino-aprendizagem podem ter aplicação prática na vida das pessoas, de forma geral. Significa compartilhar elementos para que os/as estudantes apreendam o saber, não como armazenamento de conhecimentos técnicos-científicos, mas como potencial para enfrentar o mundo de significações e em suas significações. Contextualizar implica numa seleção de conteúdos diretamente relacionados aos assuntos, problemas e contextos relacionados à vida da comunidade.

As motivações que levaram pais e estudantes a optar por um processo de escolarização diferenciado ao analisar o conjunto dos depoimentos, nos leva a inferir haver um consenso indiscutível em torno do seu projeto político-pedagógico diferenciado que associa uma formação geral de qualidade, com uma formação profissionalizante voltada para a realidade do campo, fazendo com que os/as estudantes permaneçam no campo que os/as levou a essa opção. Os depoimentos abaixo corroboram essa conclusão.

Eu já estudo aqui há seis anos. Estou chegando esse ano ao 7º ano de EFA. Eu conheci a escola através das pastorais, através da Paróquia da minha cidade. Lá, falavam que tinha uma escola diferenciada. Então, foi a partir disso que a minha família ficou sabendo dessa escola que ensinava uma educação diferente, que profissionalizava os alunos e que deixava os alunos prontos para voltar para o campo. Com essa preocupação, a minha família tomou conhecimento da EFA e eu vim para cá com esse esforço e com muita vontade de buscar algo novo. (Moisés dos Santos, estudante).

Foi por intermédio do tio dela [referindo-se à filha Aline]. Eles moram numa comunidade chamada Viração e o primo dela que estuda lá disse que tinha essa vaga. O Moisés foi no primeiro ano. Ela é muito ligada a ele e ele foi explicando os detalhes de como era a escola. E ela botou na cabeça até que fez a prova, passou. Ela está muito satisfeita (Francisco da Luz Souza pai da estudante Aline de Luz Souza).

[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



## **Como a escola contextualiza a convivência com o semiárido na sua prática pedagógica**

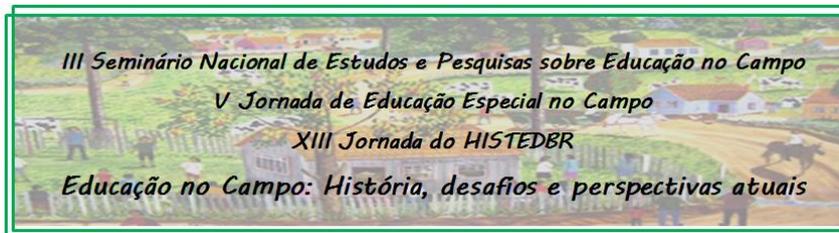
O conceito de convivência com o semiárido desmistifica o fenômeno da seca que passa a ser compreendido como um fenômeno parcial, localizado que integra um sistema maior, regido por leis ecossistêmicas que possuem regularidade, no qual a seca é considerada um fenômeno cíclico e natural. Assim, a ideia de convivência além de ser mais ampla por estar associada aos aspectos culturais, sociais, políticos e ambientais contempla uma nova perspectiva em relação à seca. Representa uma proposta de sustentabilidade para o SAB, um elemento de transição propositiva e qualitativa dotada de significados, de leitura de mundo e de sociedade.

A educação é considerada, pela ASA, o elemento estruturante dessa proposta, porque o alcance e poder de difusão ideológico e cultural dos processos inerentes à escola possuem e possibilitam trabalhar a mudança de visão de mundo, de valores e de ideias de representação social da natureza dominantes, através de um novo pacto e contrato social. Na proposta de convivência com o semiárido da ASA, a relação solidária com a natureza fundamenta a relação social e delinea uma ética entre e para a população e a natureza do semiárido brasileiro – SAB. Há a conjunção entre o natural e o social que se torna o sinal distintivo do conceito acrescido dos elementos de solidariedade, de sociabilidade e de um saber parceiro.

O eixo formativo da alternância é a vida do/a estudante e sua realidade, integrando, portanto, a escola na vida da comunidade e a ecologia local. Ele compreende o Plano de Formação e o conjunto dos elementos didáticos e pedagógicos que o compõe. Desse conjunto que se interliga através de uma relação sistêmica e de uma organização temática das sequências da alternância, o Plano de Estudo foi apontado pelos/as colaboradores como o elemento que permite realizar a contextualização do semiárido nas práticas pedagógicas da escola. Cada turma tem o seu tema gerador/temática geral e seus subtemas relacionados à realidade, que são desenvolvidos ao longo do ano.

Os temas iniciais trabalhados com quem ingressa na escola, na 8ª e na 9ª séries do Ensino Fundamental que, depois, serão aprofundados no ensino médio, sobretudo, na

**[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**

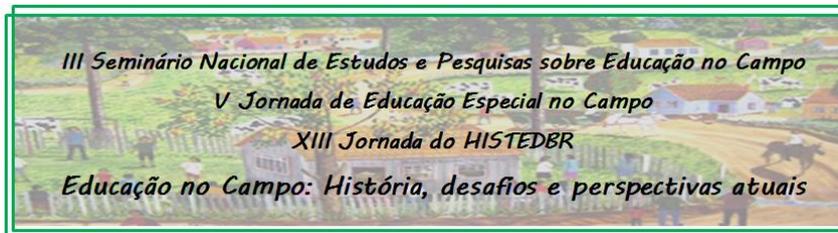


2ª série. Na proposta pedagógica, o ensino fundamental pode ser descrito como o momento de iniciação aos temas geradores, à atividade de pesquisa. O Ensino Médio consiste no aprofundamento, no alargamento do que foi pesquisado no ensino fundamental. Em relação aos temas geradores, cabe destacar que até 2009, os temas da 8ª e da 9ª séries do ensino fundamental eram utilizados na escola com a denominação SAB. Em 2010 a denominação foi alterada, por terem os/as monitoras/es concluído ser mais adequado, do ponto de vista pedagógico, utilizar, inicialmente, a denominação “sertão”, primeiro porque semiárido é uma denominação muito abrangente e eles/as acabavam conhecendo o geral e desconhecendo as especificidades do Ceará e das suas comunidades, ou seja, trabalhar com as especificidades partindo do local para o global; e segundo, porque os/as meninos/as estão chegando na escola e tanto as famílias quanto os/as próprios/as estudantes falam mais em sertão, conhecem e reconhecem mais o sertão do que o SAB, sendo retomada o uso da terminologia na 2ª série do ensino, após esse trabalho inicial de diferenciação empírica e conceitual.

O Plano de Estudo, cabe, ainda, colocar é um instrumento que possibilita, aos estudantes, não apenas conhecer e descrever o seu cotidiano, mas, também, desenvolver um censo crítico em relação a ele. Propicia a aprendizagem de um olhar crítico e reflexivo sobre o cotidiano da vida com suas atividades, suas dificuldades, suas satisfações e suas práticas. É através dele que a relação entre teoria e prática se materializa e ganha objetividade. Ele oportuniza encontros, diálogos, relações e confrontos com os seus pares familiares contemporâneos e ancestrais, contribui para que o/a estudante possa captar e entender melhor o ambiente onde cresceu, onde viveu e vive, as suas dimensões, as suas riquezas e os seus limites. Isto, porque as perguntas contidas nele são respondidas em conjunto com seus familiares e meio comunitário. No retorno à escola, o/a estudante traz consigo o material respondido e organizado em formato de relatório que é submetido à apreciação dos monitores.

Posteriormente, é socializado com os/as outros/as estudantes e monitores através da “colocação em comum” onde as vivências do cotidiano dos/as estudantes, das famílias, das comunidades e do meio sócio profissional são evidenciadas, resgatadas, explicitadas e socializadas no meio escolar e utilizadas como ponto de partida e

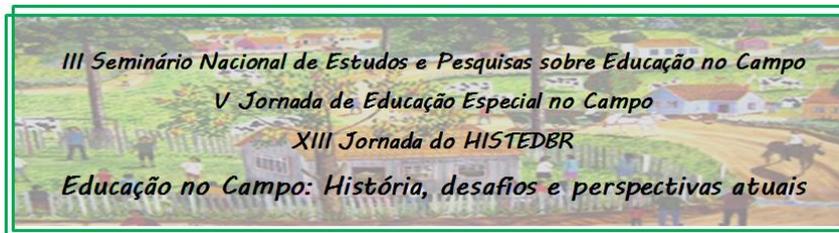
**[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



motivação do processo educativo desenvolvido na EFA. As respostas discutidas pelo grupo são organizadas no formato de uma síntese, a partir da qual os questionamentos são aprofundados e ampliados, através dos conteúdos curriculares das disciplinas previstos, enquanto outros são incorporados para atender aquela necessidade colocada pela realidade dos/as jovens.

Com o Plano de Estudo chegam, até nós, muitas coisas que nós vamos contextualizando em várias disciplinas. Aliás, esse é um dos processos da escola. Ela pega o P.E. e contextualiza todas as disciplinas da escola. Nós sentamos no início de cada seção e pegamos o material que veio do Plano de Estudo e trabalhamos em cima dele. Na minha aula de português eu vou trabalhar isso e isso porque saiu isso e isso no P. E. Na minha aula de agricultura isso e isso na matemática. Existe esse momento nos primeiros dias da seção de socialização do P.E. para que justamente os monitores tenham argumentos para contextualizar as disciplinas de acordo com o que os estudantes trouxeram. E, ao mesmo tempo, fazer com que o/a jovem possa se sensibilizar com o conteúdo, a partir do que ele pesquisou na sua comunidade. Depois de feito esse apanhado em sala, nós temos uma pasta para guardar esse plano de estudo para que no final do ano nós possamos ver o que existe de concreto. O que pode ser melhorado. A cada seção, nós colocamos uma síntese geral, tanto nós como eles e elas temos essa síntese geral. O que é essa síntese geral? É o apanhado geral do que realmente foi discutido, foi coletado com aquelas comunidades que eles/as fizeram o Plano de Estudo (Francisco Rosberg Chaves, monitor).

Depois da síntese, vem o momento da devolução que, no caso da EFA e segundo Luan, um dos nossos colaboradores, quase sempre implica em uma atividade prática. A devolução consiste no movimento em que o/a estudante retorna para casa/comunidade, no tempo comunidade, para socializar com a mesma aquilo que foi sintetizado e debatido teoricamente e praticado na seção do tempo escolar. A prática é um desdobramento do que foi apreendido e diagnosticado e os conteúdos trabalhados em sala de aula. O exemplo que Luannos dá é sobre a questão das queimadas. Na devolução, como ele mesmo descreve, além de tocar no tema queimadas, nas suas consequências, na devolução os/as estudantes conversam com os/as monitores/as sobre como trabalhar e que atividades propor para que a comunidade possa desenvolver



atividades práticas relacionadas ao tema, como podemos identificar nas descrições expressas no depoimento de Luan, abaixo.

(...) Através do Plano de Estudo que é uma pesquisa. A pesquisa mais importante da escola. Nesse Plano de Estudo é onde nós, os alunos, sentamos e elaboramos as perguntas de acordo com o tema geral. Todo ano tem um tema geral. (...) como eu estava falando, nós elaboramos as perguntas e vamos para as comunidades fazer a pesquisa. As respostas, nós trazemos de volta para sala de aula e tem um momento de socialização onde todos os educandos/as das diversas comunidades socializam e depois os monitores se sentam, se reúnem, elaboram e contextualizam nas aulas para poder ter os conteúdos necessários. Depois nós fazemos a devolução. Nós já fizemos a síntese geral e voltamos para a comunidade. Lá fazemos uma reunião com ela para devolver aquilo que nós tiramos. Nas devoluções sempre tem alguma coisa prática relacionada com o tema. O Plano de Estudo é uma peça muito importante na escola (Luan Alves, estudante).

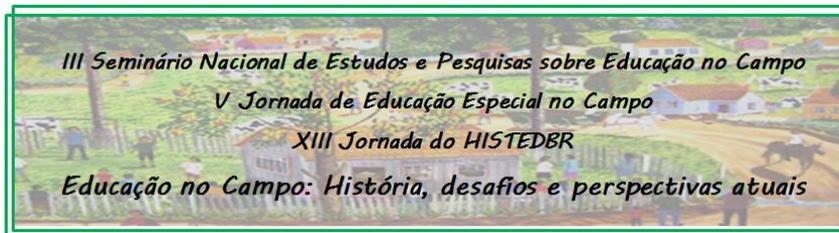
Além do instrumento pedagógico citado, a Escola e as unidades produtivas são consideradas, pela colaboradora Maria Lopes do Nascimento (Kika), um laboratório, um espaço experimental a serviço da convivência com o SAB, que possibilita os estudantes respirarem e viverem, nele, as atividades práticas e transpor, para suas respectivas famílias e comunidades/assentamentos, esses saberes e essa nova visão sobre a seca e o SAB.

Assim se expressam Kika e Cícera.

A escola como um todo é uma escola, mas é também um laboratório, a partir das unidades produtivas. Nós fazemos esse trabalho diário no campo e as aulas também estão a serviço dessa convivência. Nas aulas práticas e teóricas, os/as meninas vão aprendendo a lidar com a terra e, claro, também vão desenvolvendo na família. Acima de tudo, o principal é a prática que é desenvolvida na família a partir do que se tem aqui na escola, fazendo essa ligação entre a família, a comunidade e a própria escola que trabalha essa convivência. (Maria Lopes do Nascimento – Kika monitora e coordenadora da EFA, em 2009).

Nas unidades produtivas, nós aprendemos um pouco sobre a convivência com o semiárido. Temos o Plano de Estudo que chamamos de uma ferramenta da EFA, que sustenta a EFA. Nós levamos para a comunidade e lá discutimos com a comunidade o Plano de Estudo. Quando retornamos para a escola, sensibilizamos o Plano de Estudo com todos os alunos. A partir disso, nós vamos vendo a convivência com o semiárido, vamos aprendendo várias coisas sobre

[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



a convivência com o semiárido. Aprendemos que devemos criar animais de médio e pequeno porte. Por exemplo, a cabra é um animal de pequeno porte que não consome muita água em relação aos bovinos que consomem muito mais água, gastam muito mais alimentos. (Cícera Ruty de Souza Machado, estudante).

Enfim, o Plano de Estudo pode propiciar aos estudantes a descoberta daquilo que há de extraordinário sob a banalidade e a naturalidade do seu cotidiano. E como Gimonet (2007) faz questão de sinalizar, o Plano de Estudo não significa um estudo exaustivo de um problema, significa, antes, um treinamento para o estudo contínuo de uma realidade que se renova incessantemente.

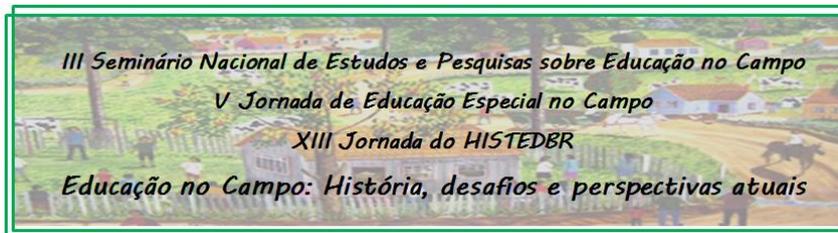
### **Interpretações sobre a Pedagogia da Convivência com o semiárido**

Nesse segmento da análise, procuramos identificar, no discurso dos/ascolaboradores, qual a sua percepção sobre a Pedagogia da Convivência e quais os elementos presentes identificados que nos permitem correlacionar a convivência com o SAB, sugerida pela ASA, com a proposta de convivência abordada nas práticas e na contextualização dos processos educativos da EFA Dom Frágoso. No discurso da estudante Aline, a seguir, podemos identificar que a pedagogia da convivência implica, para eles, adotar novas práticas de caráter sustentável. É o se relacionar com o SAB dentro do princípio filosófico do cuidado como modo de ser essencial que se encontra na raiz primeira do ser humano antes que ele faça alguma coisa.

Convivência com o semiárido, para mim, é trabalhar com a terra de forma que nós não prejudique a mãe natureza. É também ter uma relação com o ser humano, com o meio social diferente, entendendo as necessidades que as comunidades, que o povo da comunidade tem. Aprender a conviver; é isso. É saber quais são as necessidades e, em cima dessas necessidades, o que nós podemos fazer para melhorar a situação. Isso é aprender a conviver e se adaptar (Aline Torquato, estudante).

A Pedagogia da Convivência, parte do pressuposto de que é, além de possível, conveniente e pertinente conviver com o semiárido, através de vivências e práticas solidárias e educativas, no dia-a-dia, que conduzam a um novo modo de ser experimentado, com outros, a aprender e reaprender a conviver com este ecossistema e

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



sua lógica. E, com isso, possibilitar a quebra do fluxo “natural” ou “naturalizado” do êxodo rural, sobretudo, do/a jovem permitindo a sua permanência no campo. Mas esta não é uma permanência qualquer (Cf, Mello Mattos, 2011).

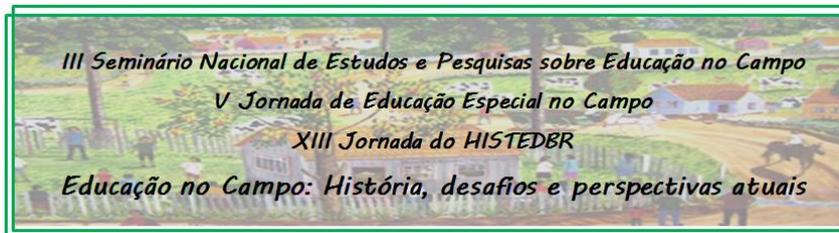
Como indagam Queiroz e Silva (2009), qual é a condição dessa permanência do/a jovem no meio rural, no campo? A escolarização e a profissionalização com formação técnica e contextualizada podem contribuir para o desenvolvimento de ações voltadas para o desenvolvimento da agricultura familiar, através da elaboração de projetos de vida como os previstos no Plano de Formação das EFAs. Não é, portanto, interromper o fluxo do êxodo rural para simplesmente fixar o homem no campo, conter o fluxo migratório e, ao mesmo tempo, elevar a produtividade.

Os autores, afirmam que, em termos de contribuições e avanços da formação de jovens agricultores/as, ministrada pelas EFAs, destacam ser a primeira vez que, na história da educação brasileira, esses jovens “têm acesso a uma formação escolar de nívelmédio e uma formação técnica, cujo programa tem como eixo central a realidade sociocultural e as condições objetivas da agricultura familiar”. (QUEIROZ; SILVA, 2009, p. 5). A formação na EFA traz, no seu programa pedagógico e nos seus objetivos, a possibilidade dos/as estudantes estruturarem projetos produtivos e de vida, articulados com a questão da sustentabilidade local, regional e ter interfaces com a sustentabilidade nacional e o projeto de país.

Por eu ter estudado antes em escola pública é totalmente diferente. A pedagogia, esse modo como funciona aqui, eu acho muito bom, porque nós, que moramos no campo, passamos a conhecer a nossa própria realidade. Quem estuda na cidade ou em escolas anexas no interior não tem essa visão. Nós só vemos pelos livros e mais nada. Aqui não, nós estudamos a nossa realidade. (Priscila de Farias Mesquita, estudante).

Na minha concepção, um dos princípios fundamentais é essa questão da alternância, da contextualização. Se nós estamos inseridos no SAB é essa a nossa maior abordagem. Parte dela e fazemos todo um paralelo com vários segmentos sociais. Eu acho que isso é fundamental, porque vem dar mais fundamentação para a prática e para a vida no cotidiano dessas pessoas que estão sendo formadas estudantes. Agora, nós também não nos prendemos só ao semiárido. Mas, ele é um dos nossos referenciais principais. Nós temos essa abordagem, mas temos também a nível global. É essa pedagogia que faz sentido. Que aborda a vida como um todo das pessoas. Que falam

[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



dos atores e atrizes desse contexto (Maria Rosinira Bezerra Cavalcante, monitora).

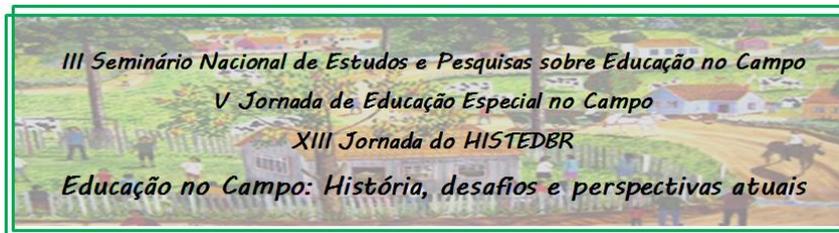
Um dos desdobramentos da formação na EFA, a nosso ver, refere-se à permanência dos/as estudantes no campo. Esta não se configura como uma permanência qualquer. A escolarização e a profissionalização com formação técnica e contextualizada para o SAB contribuem para o aprimoramento, desenvolvimento de ações voltadas para a qualificação da agricultura familiar, através da elaboração de projetos produtivos e de vida, articulados com a questão da sustentabilidade local, regional, com interfaces com a sustentabilidade nacional e um projeto de Nação. O permanecer no campo pode vir a ocorrer porque se viabiliza uma opção com possibilidade, com sentido de vida e com projeto de vida e, caso ocorra o sair do campo, como a permanência nele está viabilizada, que esta também possa se configurar como uma opção com possibilidades e com um sentido de vida diferente de um movimento não natural, mas naturalizado de evadir-se do campo pela absoluta ausência de opção.

Enfim, a experiência educativa da Escola Família Agrícola Dom Frago, e seus desdobramentos ao longo da última década, vem promovendo a ampliação do espaço público para o debate político sobre a convivência com o semiárido e a contextualização da educação dentro dos princípios da Pedagogia da Convivência com o SAB, das Diretrizes Nacionais da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, trazem elementos importantes para sugerir aos gestores municipais de Educação, a reflexão séria e ponderada sobre as práticas educativas trabalhadas nas escolas públicas estaduais e municipais, pois estas refletem uma profunda distância, um abismo existente entre as práticas de ensino/aprendizagem e a realidade de vida dos/as estudantes, sendo, portanto, descontextualizados, desinteressantes e sem sentido para os/as estudantes e docentes.

### Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo. Referências para uma Política Nacional de Educação do Campo. **Caderno de Subsídios**. Brasília, 2004.

[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



FIGUEIREDO, João Batista de A. **Educação Ambiental Dialógica e Representações Sociais da Água em Cultura Sertaneja Nordestina: uma contribuição à consciência ambiental em Irauçuba – Ce (Brasil)**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais da Universidade Federal de São Carlos. São Paulo, 2003.

MELLO MATTOS, Beatriz H. O. Introdução In: **Educação no Contexto do Semiárido**. (Org. MELLO MATTOS, Beatriz H. O. e KUSTER, Ângela). Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004.

\_\_\_\_\_. Natureza e Sociedade no Semiárido Brasileiro: um processo de aprendizagem social. In: **Educação no Contexto do Semiárido**. (Org. MELLO MATTOS, Beatriz H. O. e KUSTER, Ângela). Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004.